
Entre *soft news* e *hard news*: uma proposta do cibercontecimento como novo valor-notícia no telejornalismo brasileiro¹

Cristiane FINGER²

Leandro OLEGÁRIO³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS
Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo aborda a análise de um fenômeno contemporâneo: o cibercontecimento (ARIAS, 2008) no telejornalismo brasileiro. A partir da observação de um telejornal regional, Jornal do Almoço (RBS TV/RS), identifica-se reportagens com assuntos mais pesados (*hard news*) e mais leves (*soft news*), nas quais a presença de conteúdo com origem nas redes sociais é determinante como elemento definidor da pauta. Utilizando-se metodologicamente de observação sistêmica e de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), o estudo aponta para existência de um novo valor-notícia, fundado nos novos processos de produção de notícia na televisão no contexto da convergência midiática (JENKINS; FORD; GREEN, 2014).

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; cibercontecimento; reportagem; Jornal do Almoço; comunicação.

INTRODUÇÃO

No horizonte defendido por Williams (2011), a relação sociedade e tecnologia é uma construção em movimento e está sujeita a representações e perspectivas ideológicas. Nesse sentido, a adoção e os usos da tecnologia são uma questão de prática social, que possibilita enxergá-las como causa, sendo possível modificar ou controlar os seus efeitos. Além disso, existem outras características que nos ajudam na missão de buscar definições e sentidos ao meio televisivo. Como revela Wolton (2006), a televisão tem duas dimensões indissociáveis, complementares e assimétricas: técnica e social. “A força da televisão e, ao nosso ver, a fonte de seu sucesso, é justamente essa aliança entre uma dimensão técnica e outra social” (WOLTON, 2006, p. 65). A dimensão técnica está

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS/PUCRS, e-mail: cristiane.finger@puccrs.br.

³ Professor Doutor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter, e-mail: leandro_olegario@uniritter.edu.br.

relacionada à produção e difusão de imagens relevantes de gêneros e *status* diferentes, como informação, espetáculo e esportes. Já a dimensão social está ligada à recepção de massa em condições sociais e culturais muito diferenciadas. Assim, o meio remete à imagem, e a massa, à sociedade:

Esse é o segredo da televisão: como meio de massa, ela está ao lado do geral e não do particular. Essa lógica do geral contra o particular é um componente essencial da adesão do público à televisão: ele confia nela porque ela lhe oferece um pouco de tudo e ele faz, portanto, aquilo que quer. (WOLTON, 2006, p. 78).

A televisão, como espelho da sociedade, segundo Wolton (2006), faz com que a sociedade se reflita e, dessa maneira, “a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente” (1996, p. 124). Assim, outro conceito que entendemos basilar para a sua importância e centralidade, no cenário midiático, é o laço social.

O laço social significa duas coisas: o laço entre os indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade. Se a comunicação consiste em estabelecer alguma coisa em comum entre diversas pessoas, a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade. (WOLTON, 2006, p. 135).

No atual momento, o conceito de laço social expande-se para o ambiente das redes e o consumo televisivo passa a ser feito em outras telas, e não somente no aparelho tradicional. Por isso, a televisão, enquanto plataforma e produto, é desafiada a ser assistida com a programação fora do conceito de fluxo. Conforme defendem Jenkins, Ford e Green (2014, p. 152), a televisão contemporânea, nos Estados Unidos, está passando por uma alteração de modelo do horário marcado para o modelo do engajamento. O modelo tradicional de compromisso considera atrair a atenção do telespectador em determinado horário, para ter uma audiência, posteriormente, mensurada e vendida aos anunciantes com fins lucrativos. “As classificações tradicionais de TV representam a audiência como a *commodity* primária trocada através de práticas de mídia de radiodifusão” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 153, grifo do autor). Ao contrário disso, o modelo baseado em engajamento vê a audiência como “uma cooperativa de agentes ativos cujo trabalho pode gerar formas alternadas de valor de mercado” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 153).

As audiências deparam com uma configuração de plataformas em constante mudança e acordos financeiros quando buscam o conteúdo que querem de

uma indústria que não é capaz ainda de vender a elas nas formas e nos contextos que elas desejam. (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 154).

Realidade semelhante também acontece no Brasil, à medida que o acesso à banda larga da telefonia, por exemplo, avança para fora dos grandes centros urbanos.

Acontecimento, Ciberacontecimentos e Notícia

Quando passamos a refletir sobre a importância e o papel dos acontecimentos, é inevitável perceber que, diante de uma série de eventos previstos ou imprevistos, ou ainda mistos, nem todos possuem o mesmo poder de impacto ou mobilização. Os acontecimentos serão ocorrências carregadas de informação e que ganharão destaque social. Remetem às pessoas sua carga informacional, propondo, como característica intrínseca, a capacidade de afetar um sujeito, seja um indivíduo ou uma comunidade. O seu “aparecimento” no cotidiano interrompe uma rotina, se faz notar por aqueles a quem ele acontece.

Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados. Este primeiro aspecto nos permite uma conclusão importante: os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência. (FRANÇA, 2012, p. 13).

Na perspectiva proposta por França (2012), o acontecimento envolve sentidos, desorganiza a vida ou gera questionamentos, e rompe com a linearidade. Assim sendo, ele seria uma instância de conhecimento, pois promoveria o pensar e a busca por respostas. “O acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitador de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não-visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas” (FRANÇA, 2012, p. 13).

Para estabelecer sua reflexão conceitual, França (2012) se apoia no sociólogo e pesquisador francês Louis Quéré (2005; 2012), que propõe a existência de duas vidas na dinâmica dos acontecimentos. A primeira vida seria a da ordem do existencial, tratando-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que ocupa o nosso cérebro, dificulta nossa respiração e acelera o nosso coração. A segunda vida seria o acontecimento tornado narrativa e objeto simbólico. Portanto, um acontecimento é algo que ocorre a

alguém; que provoca a ruptura; e introduz uma diferença em relação à realidade anterior. “Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática). Tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e reposicionam o futuro” (FRANÇA, 2012, p. 14).

Nesse cenário de sociedade midiaticizada (FAUSTO NETO, 2011), encontramos outra expressão que define os acontecimentos na internet, em especial, nas redes sociais: “ciberacontecimentos”. De acordo com Jungblut (2011), esse termo foi cunhado por Rafael Díaz Arias (2008) e se refere a episódios em que há propagação explosiva de informação no ciberespaço, causada pela divulgação de fatos com grande capacidade de mobilização de atenção por meio de materiais visuais, sonoros ou audiovisuais.

O ciberacontecimento nasce localmente, mas se espalha globalmente. O ciberacontecimento salta de indivíduos a grupos e comunidades. Seu caráter icônico facilita a sua disseminação global. Mas, os ciberacontecimentos também se localizam, se adaptam com versões específicas de realidades locais. Os ciberacontecimentos são informações glocal, pois ela é construída a partir de alguns códigos simples compartilhados universalmente: emocionar, impactar, entreter. (ARIAS, 2008, p. 18, tradução nossa).⁴

Por acreditar que as imagens chocantes pautam os ciberacontecimentos, Arias (2008, p. 17-18) aponta algumas fontes desse tipo de fenômeno nas redes sociais:

- a) imagens excêntricas de celebridades midiáticas e virtuais;
- b) imagens que despertam o escândalo por sua representação (abuso, maus tratos, atos criminosos);
- c) imagens que envolvem a denúncia de uma situação;
- d) imagens que podem enaltecer ou ridicularizar figuras públicas;
- e) imagens que criam empatia com o assunto representado;
- f) imagens que incentivem a participação em uma campanha ou causa social;
- g) imagens que retratam sujeitos se divertindo e que difunde para compartilhar esse entretenimento, muitas vezes banal;
- h) imagens belas, especialmente de uma beleza impactante e irreal;
- i) imagens escatológicas;
- j) imagens de nudez e pornografia.

Em um artigo publicado em 2014, Henn destaca:

⁴ El ciberacontecimiento nace localmente, pero se difunde globalmente. El ciberacontecimiento salta de individuos a grupos y comunidades. Su carácter icónico facilita su difusión global. Pero también los ciberacontecimientos se localizan, se adaptan con versiones específicas a realidades locales. Los ciberacontecimientos son informaciones glocales, pues se construyen a partir de unos sencillos códigos compartidos universalmente: emocionar, impactar, entretener.

A diferença não está apenas no ambiente, mas nas lógicas constitutivas: são acontecimentos que, por se articularem em redes, que são públicas, já são potencialmente compartilhados publicamente, sem uma necessária mediação, a priori, do jornalismo. São midiáticos, por natureza, e produzem narrativas específicas que, dependendo do grau de conectividade e compartilhamento que geram, transformam-se em pautas para o jornalismo. (HENN, 2014).

Henn (2014) classificou seis tipos de ciberacontecimentos: mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania, afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades – este último sendo postagens da vida privada e triviais que ganham repercussão no ambiente virtual.

Os modos de subjetivação contemporâneos, tecidos na textura das redes digitais, são todos, potencialmente, acontecimentos públicos, e isso dinamiza a cultura, transformando-a: o jornalismo precisa dar conta disso, com narratividades que tocam delicadamente aquilo que eu entendo como campo do sensível. E saber narrar o outro, com toda a complexidade que isso comporta, é, para mim, um dos principais desafios do jornalismo, em qualquer modalidade. (HENN, 2014).

Como propõe Polydoro (2012, p. 144), de qualquer modo, “a estrutura em rede do ciberespaço favorece a emergência do verdadeiro”. Nesse terreno fértil para reproduções do real, observamos que as interfaces produtivas e consumidoras de imagens em movimento também se confundem nos seus espaços de articulação. Desse modo, se estabelece, a partir da hipertelevisão (SCOLARI, 2014), uma nova relação entre os acontecimentos e suas formas implicadas por ambiências e conexão com usuários e o fazer-jornalístico na televisão.

Procedimentos metodológicos

Para a Análise de Conteúdo, Bardin (2011) estabelece, como ponto de partida, uma organização que prevê as seguintes fases: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (BARDIN 2011, p. 121). O que, de maneira resumida, neste trabalho, representou: 1. Seleção de reportagens veiculadas pelo Jornal do Almoço, RBS TV, a partir de ciberacontecimentos com repercussão nas mídias/redes sociais e definição do *corpus* no período de observação participante⁵, entre agosto e setembro de 2017; 2. Identificação e mapeamento das reportagens a partir de categorias. Para Bardin (2011, p. 117), as

⁵ Este trabalho é resultado de um recorte da pesquisa de doutorado realizado no PPGCOM-PUCRS pelo prof. Leandro Olegário sob orientação da profa. Dra. Cristiane Finger.

categorias são, “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos”. Dessa maneira, optamos por explorar a reportagem, qualitativamente, a partir de quatro unidades de registro as quais destacamos para realçá-las no texto. A primeira, “Critérios de Noticiabilidade”, destaca uma observação na perspectiva da origem dos fatos (WOLF, 2012; SILVA, 2005). Com essa unidade, buscamos identificar quais os valores-notícia estão presentes na reportagem analisada. São eles: impacto, proeminência, curiosidade, conflito, polêmica, conhecimento/cultura, raridade, proximidade, surpresa, drama/tragédia, governo, justiça. A segunda, “Presença de Conteúdo”, pretende sinalizar se a informação extraída da rede social é principal ou secundária na condução da matéria. A terceira, “Tempo de Reportagem”, vai verificar a relação temporal do ciberconteúdo na construção do produto final. Já a quarta unidade de registro é a “Plataforma da Publicação”, que propõe localizar em qual rede social foi publicado o conteúdo que ganhou a dimensão noticiosa. No quadro a seguir, estão sistematizadas as categorias de análise para cada uma das unidades.

Quadro 1: Sistematização das categorias de análise

Unidades de registro	Categorias
Critérios de Noticiabilidade	Valores-notícia
Presença do Conteúdo	Principal – o conteúdo da rede social sustenta a história.
	Secundário – o conteúdo serve como base a ampliação da história contada.
Tempo de Reportagem	Preponderante – conteúdo da rede social aparece em mais de 60% do tempo total da matéria.
	Intermediário – conteúdo da rede social aparece entre 30% e 60% do tempo da matéria.
	Mínimo – conteúdo da rede social aparece abaixo de 30% do tempo da matéria.
Plataforma da Publicação	Facebook
	Twitter
	Outros

Fonte: Autor (2017).

A última fase é o item 3. Leitura e contextualização dos dados. Acreditamos que essa etapa é potencializada pelas técnicas utilizadas para coleta de dados.

Análise das Reportagens

O objeto escolhido é o Jornal do Almoço (JA), a partir de duas reportagens exibidas nesse programa: *Detentos ficam feridos após briga no Presídio Regional de Pelotas* (23/08/2017) e *Casal de namoradas faz book campeiro* (04/09/2017). Há 46 anos “no ar”, o programa da RBS TV Porto Alegre é o mais antigo da grade produzida pela emissora líder de audiência no Rio Grande do Sul. O JA é exibido ao meio-dia, de segunda a sábado, e possui quatro blocos, compostos por entrevistas, quadros de prestação de serviço, notícias, esportes, opinião de comentaristas, agenda e entretenimento, incluindo apresentações musicais no estúdio.

A primeira reportagem analisada é de Luiza La-Rocca com imagens de Pierre Schelee e Leonardo Silva, da RBS TV Pelotas, região sul do Rio Grande do Sul. Em uma briga no Presídio Regional de Pelotas, sete detentos ficaram feridos. Um vídeo gravado dentro do local mostra a confusão, e a Polícia Civil investiga a autoria. As imagens foram compartilhadas por aplicativos e em redes sociais. O conteúdo foi veiculado no Jornal do Almoço no dia 23 de agosto de 2017.⁶

Quadro 2: Roteiro da reportagem sobre tumulto no presídio de Pelotas

Dimensão Visual	Dimensão Auditiva
Imagens do momento e do local exato do ocorrido, que foi gravado através de um aparelho celular, seguida por imagens com os policiais de choque em organização para entrar no local.	(off 1) Essas imagens foram gravadas dentro do presídio regional de Pelotas./ Dois grupos de apenados da galeria “A” entraram em conflito./ Isso aconteceu no momento que estava acabando o horário de visita aos presos./ A direção do presídio não confirmou o motivo da confusão./ Os presos usaram facas artesanais, e muitos ficaram feridos./ Para conter o tumulto, policiais do batalhão de choque da Brigada Militar tiveram que atirar com balas antimotim./
Imagens do motim, mostrando o momento em que a Brigada Militar atira.	(sobe som das balas da Brigada Militar no vídeo retirado da internet)
Entrevistado sentado em frente ao banner da SUSEPE.	(sonora 1 – Fernando Matias, Delegado Penitenciário) A gente está averiguando, vamos fazer todo o levantamento necessário através do nosso setor de inteligência./ E vamos tentar identificar os presos, o ocorrido e o motivo da briga que esteve no Presídio PRP de Pelotas./
	(passagem – Luiza La-Rocca)

⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/em-briga-sete-detentos-ficam-feridos-no-presidio-regional-de-pelotas/6098031/?mais_vistos=1>. Acesso em: 8 jul. 2018.

<p>Repórter em frente ao presídio.</p> <p>Imagens da SUSEPE saindo do presídio depois do ocorrido. E imagens do presídio mostrando a janela e a entrada do local.</p>	<p>Depois da confusão, sete presos foram encaminhados ao pronto-socorro de Pelotas./ Um deles deve passar por uma cirurgia ainda hoje./ Segundo a direção, dez apenados da galeria “A”, onde começou o tumulto, foram transferidos para o presídio de Rio Grande./ (off 2)</p> <p>A situação foi controlada logo depois. / Cerca de 980 apenados estão no presídio de Pelotas, e a capacidade é de quatrocentos./</p>
---	---

Fonte: Autor (2017).

A partir dos conceitos sistematizados por Silva (2005), nos quais reúnem 12 valores-notícia, identificamos na reportagem: impacto, proximidade, tragédia/drama, justiça e conflito. Isso por que:

- a) impacto: pelo número de pessoas afetadas na cidade e na rede social Facebook a partir da publicação do vídeo na página de um jornal local. Foram mais de 50 mil visualizações e mais de 330 compartilhamentos da notícia;
- b) proximidade: pela questão geográfica e cultural – a briga ocorreu em Pelotas, no sul do estado;
- c) tragédia/drama: a violência e o interesse humano representados na história;
- d) justiça: acompanhamento do caso pela Susepe e Brigada Militar;
- e) conflito: briga entre grupos rivais dentro do presídio;

Observamos, nessa reportagem, que o conteúdo é considerado Principal, pois a pauta surge a partir da repercussão do vídeo da briga em rede social. A matéria é estruturada da seguinte maneira:

- a) off 1: explica o início da briga no presídio;
- b) sonora delegado penitenciário: diz que o caso vai ser investigado;
- c) passagem: fala do atendimento médico aos presos que ficaram feridos e da transferência de outros presos;
- d) off 2: destaca a superlotação do local.

A reportagem tem o tempo total de 1’23” (um minuto e vinte e três segundos), já descontados os 20” (vinte segundos) da “cabeça” lida pela apresentadora do programa. No gráfico abaixo, verificamos a divisão entre os tempos de off/passagem e entrevista, no qual observamos que a narrativa é composta por 1’11” (um minuto e onze segundos) da repórter e 12” (doze segundos) de participação de um entrevistado.

O conteúdo da rede social é reproduzido em dois momentos: aos 20” (vinte segundos), durante 14” (catorze segundos), e aos 47” (quarenta e sete segundos), durante 5” (cinco segundos), totalizando 19” (dezenove segundos). Assim, a utilização das imagens coletadas da rede social corresponde a 23% do tempo total da matéria, que tem os 77% restantes utilizados com imagens captadas pela própria equipe da emissora. Esse caso está adequado à categoria Mínimo, quando o conteúdo da rede social aparece com percentual abaixo de 30% do tempo total da matéria.

Com relação à plataforma da publicação, verificamos que o fenômeno foi originado no aplicativo de conversa por celular WhatsApp e, posteriormente, divulgado no Facebook. A postagem inicial foi feita na página na manhã de 23 de agosto de 2017. O post possui mais de 320 compartilhamentos e 53 mil visualizações das imagens, o que indica vestígios de grande circulação na rede social, reforçando o caráter de viralização do acontecimento.

O que chama a atenção nesse caso é que o número de visualizações foi maior do que o de compartilhamentos, o que nos leva a crer que as imagens de brigas entre presos mobilizaram os internautas no consumo das imagens de violência, mas não gerou o engajamento necessário para a sua disseminação, como acontece em outros conteúdos com temáticas mais próximas aos usuários das redes sociais. Mesmo assim, a reportagem não poderia originar a pauta caso não houvesse o material divulgado anteriormente nas redes sociais. São imagens de um flagrante que não seriam produzidas posteriormente.

A segunda reportagem analisada é de Muriel Porfiro com imagens de Marcos Ozanan, da RBS TV Bagé, na região sudoeste do estado. Apaixonadas pela tradição gaúcha, casal de namoradas faz *book* campeiro. As fotos foram postadas nas redes sociais. A matéria foi exibida no Jornal do Almoço do dia 4 de setembro de 2017.⁷

Quadro 3: Roteiro da reportagem sobre ensaio fotográfico que repercutiu nas redes

Dimensão Visual	Dimensão Auditiva
Imagens do casal com as vestimentas tradicionais gaúchas e sentadas juntas pelo campo.	(off 1) O lenço, o chapéu, a guaiaca./ O vestuário tradicionalista faz parte da vida da Lyane e da Andressa. / Por aqui, esse papo de que opostos se atraem não é verdade./ As duas têm muito em comum./ Se conheceram em um fandango em Santa Cruz do Sul, lá em 2015./ Desde então, não se desgrudaram mais./

⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6124691/>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

<p>Entrevistada sentada na grama.</p>	<p>(sonora – Lyane Rafaella da Luz, estudante) Pela pessoa que ela é comigo./ Quando a gente começou a se conhecer desde lá./ O carinho, a atenção, o cuidado que ela tem comigo./</p>
<p>Imagens da repórter conversando com o casal e caminhando pelo campo.</p>	<p>(off 2) Elas convivem desde pequenas com o meio tradicionalista. / Mas no campo, a Andressa é a professora./</p>
<p>Entrevistada sentada na grama.</p>	<p>(sonora– Andressa Tatsch, técnica em zootécnica) Eu gosto muito de lidar com o cavalo, trabalho, preparo animais pra morfologia./ E ela por eu estar nesse meio ela já gostava e eu trouxe ela mais pra perto também e o que eu posso ensinar eu passo pra ela assim./</p>
<p>Imagens do casal caminhando com um cachorro correndo próximo e também das duas sentadas novamente no campo.</p>	<p>(off 3) Tanta afinidade, que o carinho virou amor e a amizade, namoro./ Hoje elas compartilham os dias na cabanha onde Andressa trabalha. / Amor marcado na própria pele./ A tatuagem de batimentos cardíacos que levam até um contorno de um cavalo e das iniciais dos nomes delas./</p>
<p>Entrevistada sentada na grama.</p>	<p>(sonora – Lyane Rafaella da Luz, estudante) Significam nossos dois maiores amores, que é o cavalo crioulo que a gente ama./ Uma coisa que a gente tem em comum é que a gente é apaixonada, as duas pelo cavalo crioulo./ E uma pela outra./</p>
<p>Imagens do casal sentado na grama.</p>	<p>(off 4) Mas ainda faltava um momento clássico de muitos relacionamentos./</p>
<p>Passagem da repórter à frente do casal que está fazendo um ensaio fotográfico com um cavalo.</p>	<p>(passagem – Muriel Porfiro) Foi aí que surgiu a ideia de um <i>book</i> fotográfico, com tudo que elas mais amam./ O cavalo crioulo, a cultura gaúcha e a lida no campo./ O que elas não esperavam era tamanha repercussão./</p>
<p>Imagens do <i>book</i> campeiro feito pelo casal.</p>	<p>(off 5) O <i>book</i> mostra as duas na estância com cavalos, mostrando o que sentem uma pela outra./ Colecionou curtidas, elogios e compartilhamentos./ Mas também teve crítica. /</p>
<p>Entrevistada de pé próximo a um campo.</p>	<p>(sonora – Rafaelly Machado, fotógrafa) É uma coisa tão natural já pra nós, quem conhece elas e que se conhecesse elas não iriam falar assim./ Porque elas são pessoas maravilhosas./</p>
<p>Trecho da entrevista inicia com imagem do casal se beijando, seguido da entrevistada sentada na grama.</p>	<p>(sonora – Andressa Tatsch, técnica em zootécnica) Independente da escolha, da opção sexual de cada um, tem que haver o respeito./ A gente respeita a tradição, respeita o tradicionalismo./Em momento algum a gente quis ofender ele sabe./ Se alguém quis achar que a gente ofendeu, jamais./</p>

<p>Entrevistada sentada na grama.</p>	<p>(sonora – Lyane Rafaella da Luz, estudante) Acho que falaram muito, muito foi mais da nossa roupa que a gente tá usando no <i>book</i>, do que nós mesmas, eu acho que foi./</p>
<p>Imagens do <i>book</i> campeiro feito pelo casal e a entrevistada sentada na grama.</p>	<p>(sonora– Andressa Tatsch, técnica em zootécnica) É o jeito que eu ando no dia a dia./ Eu tô de bombacha e bota de segunda a segunda./ Tô sempre pilchada./ Quem me conhece sabe. / Então não poderia ser diferente sabe./</p>
<p>Imagens da fotógrafa fazendo o <i>book</i> do casal.</p>	<p>(off 6) Agora que as fotos foram vistas por tanta gente./ O desejo das duas é de que as pessoas percebam o amor como a fotógrafa enxergou./</p>
<p>Entrevistada de pé próxima a um campo, terminando com imagem do casal saindo de cena com a câmera fotográfica na frente.</p>	<p>(sonora – Rafaelly Machado, fotógrafa) Eu já tinha feito outros <i>books</i> com outros casais./ E o que eu vi nas fotos delas, eu não tinha visto em casais de homem e mulher./ Porque o olhar apaixonado delas, apaixonado pelas outras, foi uma coisa que me tocou muito./ E que tocou todo mundo que viu minhas fotos./ E é o que eu quero mesmo, transmitir o sentimento, o amor, através das fotos./</p>
<p>Entrevistada sentada na grama, finalizando com imagens do <i>book</i> feito pelo casal.</p>	<p>(sonora – Lyane Rafaella da Luz, estudante) A gente recebeu mensagens de pessoas apoiando a gente./ E pessoas que vieram falar com nós que gostaram da nossa história./ Que a gente tem que sim lutar pelo respeito./</p>

Fonte: Autor (2017).

Como valores-notícia, identificamos na reportagem: raridade, proximidade, entretenimento/curiosidade e polêmica. Isso por que:

- a) raridade: por ser algo incomum e inusitado no cotidiano, pois é o primeiro ensaio fotográfico tradicionalista entre pessoas do mesmo sexo registrado na cidade;
- b) proximidade: pela questão geográfica e cultural das personagens envolvidas;
- c) entretenimento/curiosidade: celebração do *book* campeiro e divulgação;
- d) polêmica: preconceito com o *book* campeiro de um casal de mulheres.

Observamos, nessa reportagem, que o conteúdo é considerado Principal, pois a pauta surge a partir da repercussão do *book* campeiro na rede social. A matéria é estruturada da seguinte maneira:

- a) off 1: apresenta as duas personagens;
- b) sonora personagem 1: fala da companhia;
- c) off 2: explica que a Andressa é quem lida no campo;

-
- d) sonora personagem 2: fala do trabalho do campo e de como se conheceram;
 - e) off 3: fala que a amizade virou amor e mostra a tatuagem das duas companheiras;
 - f) sonora personagem 1: explica o significado da tatuagem;
 - g) off 4: diz que faltava algo na relação;
 - h) passagem: destaca a realização do *book* campeiro e a repercussão na rede social;
 - i) off 5: mostra as fotos que repercutiram na rede social;
 - j) sonora fotógrafa: rebate as críticas recebidas pelo trabalho na rede social;
 - k) sonora personagem 2: fala que tem que haver respeito pela orientação sexual;
 - l) sonora personagem 1: fala que houve mais críticas pelas roupas tradicionalistas do que pelo gesto de carinho entre elas;
 - m) sonora personagem 2: fala que a vestimenta é a mesma que usa no dia a dia;
 - n) off 6: diz que as companheiras esperam que haja menos preconceito a partir da divulgação do *book* campeiro;
 - o) sonora fotógrafa: diz que não tinha fotografado um casal tão apaixonado quanto elas;
 - p) sonora personagem 1: fala que recebeu mensagens, estimulando a atitude e a luta por respeito.

A reportagem tem o tempo total de 3'07" (três minutos e sete segundos), já descontados os 32" (trinta e dois segundos) da "cabeça" lida pela apresentadora do programa. A narrativa é composta por 1'16" (um minuto e dezesseis segundos) da repórter e 1'51" (um minuto e cinquenta e um segundos) de participação de três entrevistados.

O conteúdo da rede social é reproduzido em quatro momentos: aos 2'10" (dois minutos e dez segundos), durante 11" (onze segundos); aos 2'30" (dois minutos e trinta segundos), por 3" (três segundos); aos 2'48" (dois minutos e quarenta e oito segundos), durante 8" (oito segundos); e aos 3'04" (três minutos e quatro segundos), por 5" (cinco segundos), totalizando 27" (vinte e sete segundos). Assim, a utilização das imagens coletadas da rede social corresponde a 14% do tempo total da matéria, que tem os 86% restantes utilizados com imagens captadas pela própria equipe da emissora. Esse caso está adequado à categoria Mínimo, quando o conteúdo da rede social aparece com

percentual abaixo de 30% do tempo total da matéria. Um fator que colaborou para isso é que a fotógrafa estava no local do ensaio do *book* campeão, juntamente com as entrevistadas, o que permitiu recapitular as cenas pela equipe de reportagem. Ou seja, a reportagem poderia ter sido elaborada sem a colaboração as imagens produzidas pelos usuários das redes sociais.

Com relação à plataforma da publicação, verificamos que o fenômeno ocorreu no Facebook. A postagem com o *book* campeão inicial foi feita na página da empresa da fotógrafa em 27 de agosto de 2017, e resultou em quatro compartilhamentos, pouco mais de 130 curtidas e 25 comentários. Aqui, os números de engajamento não representam expressividade, mas uma suposta polêmica em relação ao caso é o que vai mobilizar o olhar do jornalista para a pauta.

Não foi localizado no perfil das personagens e nem da empresa de fotografia críticas homofóbicas ao *book* campeão ou ao uso da indumentária gauchesca.

Considerações finais

As duas reportagens selecionadas para este artigo trazem assuntos considerados *hard News*, detentos ficam feridos após briga no Presídio Regional de Pelotas, e *soft News*, Casal de namoradas faz *book* campeão. Em ambos os casos os cibercontenúdos reconfiguram o fazer-jornalístico e passam a ocupar a pauta televisiva. Nesse contexto, a indagação presente é como operar no telejornalismo sem exceder o espaço concedido a cibercontenúdos, em detrimento de contemplar pautas aprofundadas. Ressaltamos que a rede social não deve atrofiar a capacidade de buscar fontes e de interferir, decisivamente, no controle sobre a definição da pauta jornalística.

A necessidade de se buscar uma nova conexão com audiência, no horizonte da hipertelevisão, parece nos revelar que os indicadores de audiência, até então estabelecidos, também deverão se adaptar ao novo modo de consumo/produção de conteúdo televisivo e sua interação. Isso porque a audiência da hipertelevisão encontra, a partir do próprio ambiente digital, condições favoráveis para oportunizar o seu engajamento, pois a articulação das plataformas e o seu consumo/navegação pressupõem um empenho.

Um dos tensionamentos mais importantes, no modelo a ser investigado, se dá pela elaboração da pauta a partir de uma nova relação com a audiência, ora se

aproximando com maior ênfase do interesse público, ora do interesse do público. Ao que parece, há uma combinação do desejo do público com a sua necessidade de informação sobre a realidade. A dúvida que fica é que, diante do contexto analógico, o mesmo conteúdo postado nas redes sociais e que obtém engajamento, se recebido em uma redação por telefone, carta/fax, seria motivo de reportagem. Sugerimos que o telejornalismo teria reconfigurado suas estratégias e seus critérios noticiosos para a formulação de pautas a partir do uso das redes sociais por jornalistas e pela audiência. Este estudo não se esgota aqui, mas deixa consignado no horizonte da pesquisa a necessidade da reflexão permanente sobre o fazer-jornalístico na televisão e a aproximação entre academia e mercado no intuito de encontrar respostas e novos questionamentos.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Rafael D. La formacion de la realidad: notícia, acontecimiento midiático, ciberacontecimiento. In: CONGRESSO DE PERIODISMO EN LA RED, 3, 2008, Madrid. **Anais...** Madrid: [s.n], 2008. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/7869/1/Ciberacontecimiento_RafaelDiazArias.pdf> Acesso em: 3 jun. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. Transformações do jornalismo na "sociedade em vias de midiaticização". In: FAUSTO NETO, Antonio; FERNANDES, José David Campos (Orgs.). **Interfaces jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011. p. 17-33.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: VFMG, 1998.

_____. O acontecimento e a mídia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

HENN, Ronaldo Cesar. Midiático por natureza - A construção do ciberacontecimento. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ed. 447, n. 30, jun. 2014. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5567&secao=447>. Acesso em: 3 jun. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

QUÉRÉ, Loius. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

_____. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.

_____. **Apaixonadas pela tradição gaúcha, casal de namoradas faz book campeão**. 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6124691/>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

_____. **Em briga, sete detentos ficam feridos no Presídio Regional de Pelotas**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/em-briga-sete-detentos-ficam-feridos-no-presidio-regional-de-pelotas/6098031/?mais_vistos=1>. Acesso em: 8 jul. 2018.

SCOLARI, Carlos. This is the end: as intermináveis discussões sobre o fim da televisão. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 34-53.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

_____. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Orgs.). **Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51-69.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004. v. 1.

WILLIAMS, Raymons. **Televisión: tecnología y forma cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 2006.